

Rússia declara um cessar-fogo de cinco horas para retirada de civis, mas continua suas investidas em cidades da Ucrânia, provocando o adiamento do corredor humanitário

ATAQUES DEIXAM MAIS LONGE A CHANCE DE PAZ

DEL FERRAZ

A retirada de civis na região da Ucrânia foi adiada ontem após os ataques russos continuarem mesmo com declaração de 'cessar-fogo'. O ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, disse que as forças russas violaram o acordo para permitir o corredor humanitário.

Na segunda rodada de negociações na quinta-feira (3/3), russos e ucranianos concordaram com o cessar-fogo em algumas regiões que serviriam para a passagem de refugiados e recursos. Mas, segundo Kuleba, os corredores humanitários para as pessoas saírem de Mariupol e Volnovakha não funcionaram porque os russos não cumpriram com os acordos. A Prefeitura de Mariupol, porto estratégico ucraniano cercado pelas forças russas e seus aliados, pediu aos civis que estavam reunidos nos pontos de saída da cidade que 'retornem para os refúgios'.

Em entrevista coletiva, Kuleba também pediu uma nova rodada de sanções contra o governo russo. No 10º dia de invasão, a Rússia segue avançando para pontos estratégicos do território ucraniano, incluindo todas as cidades que dão acesso ao Mar Negro, no Sul do país. Os dois países devem voltar a negociar nesta segunda-feira (7/3).

O Exército da Rússia retomou a "ofensiva" contra duas cidades cercadas do Sudeste da Ucrânia, incluindo o porto estratégico de Mariupol, informou o ministro russo da Defesa, Igor Konashenkov. Na manhã de ontem, o ministério anunciou a entrada em vigor de um cessar-fogo a partir das 7h GMT (4h de Brasília) para permitir que os civis de Mariupol e da cidade de Volnovakha, 60 quilômetros ao norte, pudessem deixar a área de conflito.



Centenas de pessoas atravessaram uma ponte destruída ontem ao evacuar a cidade de Irpin, a noroeste de Kiev, durante bombardeios russos

Mais tarde, o ministério russo acusou os nacionalistas ucranianos em Mariupol e Volnovakha de impedirem a população civil de viajar para a Rússia.

"A mesma coisa está acontecendo em Kharkiv e Sumy", afirmou o ministério em comunicado, ao citar duas cidades do Leste

da Ucrânia que estão no epicentro dos combates, "assim como em muitas outras localidades", acrescentou. A nota também afirma que as tropas russas respeitaram o cessar-fogo e acusou as forças ucranianas de reforçarem suas defesas durante a trégua.

"Devido à relutância do lado

ucraniano a influenciar os nacionalistas ou a prolongar o 'cessar-fogo', as operações ofensivas foram retomadas às 18h de Moscou" (12h de Brasília), afirmou o ministro em mensagem de vídeo.

SEM AVANÇOS Desde o início da ofensiva russa na Ucrânia, em 24

de fevereiro, os dois países se encontraram duas vezes, a primeira na última segunda-feira (28/2), na região de Gornel, em Belarus, perto da fronteira ucraniana, sem grandes avanços.

A segunda reunião, na quinta-feira, ocorreu na fronteira entre a Polônia e Belarus, na cida-

de de Belovezhskaya Pushcha, na região bielorrussa de Brest, segundo fontes bielorrussas e russas. Nessa segunda rodada, os combates não foram interrompidos, mas foi acordada a abertura de corredores humanitários para a população civil. (Com agências)



Milhares de pessoas fizeram protesto ontem no Place de la République, em Paris, contra o ataque militar russo na Ucrânia



Manifestantes se reúnem segurando cartazes durante um 'Pare a guerra!', no Koekamp, em Haia, na Holanda

Manifestantes pedem o fim da guerra

Milhares de pessoas foram às ruas ontem em Londres, Paris, Roma e Zurique para pedir o fim da guerra na Ucrânia. "Estaremos aqui todo fim de semana, em Paris ou em qualquer outro lugar, até que Putin saia, retire seus tanques", afirmou Aline Le Bail-Kremer, membro do Stand With Ukraine, uma das organizações por trás da manifestação na capital francesa.

De acordo com uma fonte policial, até ontem, foram organizados comícios em apoio à Ucrânia em mais de uma centena de cida-

des da França, possivelmente reunindo cerca de 25 mil manifestantes no total. Em Londres, capital do Reino Unido, centenas de pessoas também se manifestaram para exigir o fim da invasão russa da Ucrânia e rezar pela paz.

Os manifestantes se reuniram na praça central de Trafalgar Square com bandeiras e faixas com frases como "Putin mata" e "Embargo à Rússia". Cartazes semelhantes puderam ser vistos no Centro de Roma, capital italiana, onde vários sindicatos e ON-

Gs organizaram uma manifestação pela paz.

"Esta é talvez uma das primeiras manifestações reais pela paz. Ninguém aqui acredita que a paz se faz com armas, mandando armas para uma das partes", declarou o cartunista, ator e escritor italiano Vauo Senesi, cercado por milhares de pessoas.

Em Zurique, a cidade mais populosa da Suíça, cerca de 40 mil pessoas pediram a retirada das tropas russas da Ucrânia, segundo a agência de notícias local ATS.

A manifestação, repleta de bandeiras ucranianas, foi convocada por alguns sindicatos e partidos de esquerda.

Desde que a ofensiva russa na Ucrânia começou, em 24 de fevereiro, as manifestações contra a guerra se multiplicaram em todo o mundo. No último fim de semana, centenas de milhares de pessoas vestidas de amarelo e azul marcharam pela Europa: alguns milhares na Rússia, pelo menos 100 mil em Berlim, 70 mil em Praga e 40 mil em Madri.

China defende negociações diretas entre Rússia e Ucrânia

A China pediu ontem negociações "diretas" entre a Ucrânia e a Rússia, em uma conversa telefônica entre o ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, e o secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken, no 10º dia do conflito no Leste Europeu.

Essa conversa representa a primeira ligação entre os chefes da diplomacia das duas grandes potências mundiais desde que a Rússia iniciou sua ofensiva contra a Ucrânia. Após o início da intervenção russa, que enfrenta forte resistência das tropas ucranianas, a China adotou uma posição diplomática intermediária, recusando-se a condenar o ataque russo depois de ter oferecido amizade "limitada" à Ucrânia e à Rússia um mês antes.

"Encorajamos negociações diretas entre a Rússia e a Ucrânia", disse Wang a Blinken, de acordo com comunicado do Ministério das Relações Exteriores da China. "Esperamos que os combates parem o mais rápido possível e assim evitar uma crise humanitária em grande escala", acrescentou o chanceler chinês, que reconheceu que as negociações entre a Rússia e a Ucrânia não serão

uma tarefa "fácil".

Blinken afirmou ao seu colega chinês que "o mundo está observando quais países defendem os princípios básicos de liberdade, autodeterminação e soberania", segundo o porta-voz do Departamento de Estado, Ned Price.

Enquanto os Estados Unidos e muitos países ocidentais anunciaram duras sanções contra a Rússia, a China ainda hesita em considerar a crise russo-ucraniana como uma guerra. "A diplomacia não pode ser apenas europeia ou americana, aqui a diplomacia chinesa tem um papel a desempenhar", defendeu o chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, em entrevista publicada no jornal espanhol El Mundo.

Em sua conversa com Blinken, Wang disse que a resolução do conflito estava "intimamente relacionada aos interesses de segurança de ambos os lados". Wang garantiu ainda que os Estados Unidos, a Otan e a União Europeia devem negociar com a Rússia e "levar em conta o impacto negativo da expansão da Otan para o Leste no espaço de segurança da Rússia", uma das principais exigências do presidente russo, Vladimir Putin.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Internacional **Página:** 8